

[JULIANA LUIZA DE MELO SCHMITT]

Historiadora com mestrado em Moda, Cultura e Arte pelo Senac-SP e especialização em História da Arte pela UEL, Paraná. É professora nas áreas de História da Moda e História da Arte e escreve sobre moda para a revista paranaense *Estação*.

E-mail: ju.amaranta@gmail.com

A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX

*The exposed pain:
mourning at 19th century*

[76]

[resumo] A possibilidade de expor o sofrimento da perda de um ente querido por meio da indumentária fez do século XIX talvez o último período em que o luto tenha sido tão rigorosamente seguido e normatizado. Fosse de acordo com regras sociais, manuais de etiqueta ou pelo exemplo de figuras importantes, como a rainha Vitória da Inglaterra, o luto vestimentar tornou-se a expressão máxima da virtude feminina e do apego dos vivos pelos seus mortos.

[palavras-chave]

luto; moda; história da morte.

[abstract] The possibility of showing the suffering of losing a beloved one through the clothing turned the 19th century perhaps the latest period which the mourning was so closely followed and standardized. According to social rules, good manners manuals or even the example of major figures such as Queen Victoria of England, the mourning clothing became the maximum expression of the feminine virtue and the affection to dead relatives.

[key words] mourning; fashion; history of death.

Nos tempos atuais, cada vez menos nos é permitido pensar a morte como evento natural e cotidiano: nossa sociedade não admite o fim da vida. Uma espécie de imposição constante da felicidade permeia nossa existência, negando a presença do sofrimento e reprimindo manifestações emotivas exageradas, mesmo quando sofremos a dor máxima da perda humana. Exige-se daqueles que padecem certa discricção desses sentimentos, assim como a retomada rápida dos afazeres e da normalidade. Evita-se ainda o luto prolongado, que rememora constantemente o óbito; no vestuário, a etiqueta considera adequadas as cores escuras e peças austeras, ainda que, de maneira geral, não haja obrigatoriedade para esses usos. Paradoxalmente, incentiva-se o contrário: o abandono desse tipo de exteriorização tão contundente, assim, quanto menos lembrarmos do falecimento, melhor.

Nem sempre foi assim. Apenas dois séculos antes do nosso, a sociedade celebrava o luto de maneira oposta. Talvez nunca na história ocidental a morte tenha sido tão dramatizada, tão apaixonadamente sofrida quanto no período vitoriano. Dessa forma, a indumentária pós-morte tornou-se rigidamente regrada e, em muitos casos, orgulhosamente ostentada.

Em sua vida, o vitoriano freqüentemente presenciava a morte. Considera-se que, no século XIX, a cada 20 crianças, três morriam antes de completar seu primeiro ano. De acordo com Michelle Perrot (1991), a expectativa de vida, em 1801, era de apenas 30 anos, e em meados do século passou para 38 anos para os homens e 41 para as mulheres. Segundo Eric Hobsbawm (2006), a expectativa de vida média nos anos 1880 nas principais regiões desenvolvidas – Bélgica, Grã-Bretanha, França, Massachusetts, Holanda e Suíça – era de apenas 44 anos e menos de 40 na Alemanha. As maneiras simples de prevenção de doenças, muitas delas fundamentadas no controle básico da higiene durante a preparação de alimentos ou nos partos, não eram praxe, e a freqüente utilização de medicamentos duvidosos de origem caseira aumentavam as chances de falecimento prematuro. Não era nada incomum que se passasse de um período de luto imediatamente a outro. Os indivíduos ficavam um bom tempo de suas vidas cobertos de negro.

Por ser uma sociedade altamente regida pelos códigos de etiqueta, conseqüentemente a morte foi também rigidamente regulamentada. De maneira geral, o luto na Europa Ocidental era muito mais intransigente do que na América ou na Austrália, apesar de seguirem também a etiqueta vitoriana (LURIE, 1997). Desrespeitar essas regras era considerado um verdadeiro escândalo, um ato de imoralidade. A aprovação de outrem governava o comportamento individual, exigindo que, em público, tais condutas fossem severamente adotadas na manutenção de uma boa reputação.

Jornais de costumes e manuais de etiqueta, muito comuns à época, traziam todas as recomendações e dicas a serem seguidas nesses momentos e eram muito populares entre a classe média. O luto tornou-se um cerimonial complexo, normatizado desde as cartas de condolências até a maneira mais apropriada de se dirigir à viúva. Dentro das casas, as cortinas eram abaixadas e os relógios parados na hora do falecimento. Espelhos eram cobertos¹. A família não se reunia para as refeições enquanto o cadáver estivesse presente. Era aconselhável que se preparassem funerais dispendiosos, se erguessem túmulos artisticamente preparados e com monumentos ao morto. Todos os detalhes eram observados – até mesmo os cavalos usados no transporte do caixão deveriam ser pretos e decorados em preto. A determinação em assegurar um funeral decente para os membros da família foi característica seguida por todas as classes na sociedade vitoriana, mesmo quando os enormes gastos colocassem em risco a sobrevivência dos que ficavam. Ninguém desejava enterrar seus entes queridos em túmulos medíocres em meio a cerimônias simplórias.

No entanto, nenhuma manifestação do luto era mais necessária e emblemática do que o luto vestimentar. Por meio dele, expressava-se imediatamente o apego ao morto e a tristeza pela perda: a dor pessoal tornada pública e visível, formando uma barreira simbólica entre o indivíduo e o seu meio – a imagem de austeridade que cobra distanciamento da mundanidade. Normalmente contava com dois estágios: luto fechado e meio-luto, cada um com suas regras próprias². Sua cor oficial era o preto, reconhecidamente a cor da ausência de luz e de vida. Porém, não era a única. Mesmo no luto fechado, o branco poderia ser utilizado em punhos e colarinhos, já que a roupa branca, de baixo, sempre carregou consigo os significados da alvura da alma³. Os tecidos deveriam ser discretos como os de algodão ou lã, nunca brilhantes ou chamativos como o cetim, a seda e o veludo.

No caso dos homens, o luto era bastante fácil de ser providenciado: eles apenas usavam o seu traje preto tradicional combinado com acessórios pretos, como as luvas. Um fato curioso da indumentária masculina no século XIX era justamente essa imutabilidade do traje. Pode-se pensar, como exemplo, na roupa escolhida para cobrir o cadáver. Para a morta, e também para crianças, o mais indicado era o branco ou as cores suaves, angelicais e delicadas, como as utilizadas em vida. No entanto, se o cadáver fosse masculino, o traje mortuário ideal era o mesmo do cotidiano, o mesmo das festas e ocasiões formais, o mesmo do luto, ou seja, o traje completo em cor preta. O homem vitoriano se vestia exatamente de maneira igual na vida e na morte.

Já o luto feminino, este sim, era muito mais severo, no sentido de modificar por completo o hábito vestimentar das vitorianas. Exigia que as mulheres tivessem um guarda-roupa completo em tom negro, incluindo acessórios como, sombrinhas, bolsas e lenços, no mesmo tom e sem ornamentos. Notadamente no caso das viúvas, deveria ser um sinal de *afeição eterna* e não segui-lo corretamente era interpretado como desprezo ao marido – uma ofensa imperdoável numa sociedade em que homens valiam muito mais que mulheres e eram responsáveis por sua posição social.

O luto fechado de viúvas deveria durar cerca de dois anos, período no qual, além do vestuário preto, evitavam as jóias e usavam um véu cobrindo o rosto ao sair de casa, não sendo apropriado que arrumassem demasiadamente os cabelos ou usassem perfumes. Nesses meses, suas atividades sociais deveriam ser as mínimas possíveis, preferencialmente restritas aos serviços da igreja. Nenhum luto era mais longo do que o da esposa. Qualquer outro membro da família, supostamente, sofria menos do que ela. Ao fim do segundo ano, se a viúva não possuísse meios para se sustentar e ainda tivesse filhos pequenos, era permitido e até aconselhável que se casasse novamente, evitando, assim, a necessidade de trabalhar.

Viúvos mantinham seu vestuário habitual e cotidiano, e poderiam continuar seus afazeres costumeiros, ainda que fosse de bom-tom evitar eventos sociais nos primeiros dois anos após o falecimento da esposa. No caso de pais que perdessem um filho ou do filho que perdesse um dos pais, o luto fechado ia de dez meses a um ano; quando era por outros membros da família, esse tempo variava de quatro semanas a seis meses. De maneira geral, a duração dependia muito da relação com o falecido, especialmente com aqueles com quem não houvesse parentesco. Esperava-se que o luto representasse fielmente a extensão do pesar pela perda, podendo ser, então, bastante variável.

No meio-luto, era aceitável usar matizes como cinza, malva, roxo, lavanda, lilás, além do branco combinado com essas cores. Também o vermelho, em seus tons mais escuros, era adequado. Ao suavizar o negro, o uso de jóias também era liberado, porém estas deveriam ser limitadas e discretíssimas, em tons sóbrios ou ainda em formato de camafeus, nos quais se colocavam *mementos mori*, como mechas de cabelo ou fotos do morto. O meio-luto, adotado após o período de luto profundo, era flexível em sua duração, normalmente alguns meses apenas. Após no máximo um ano, era então possível voltar a vestir todas as cores.

Deve-se destacar, contudo, aquelas mulheres que decidiam seguir o exemplo da rainha inglesa Vitória, e adotavam o meio-luto pelo resto de suas vidas. A monarca fora, provavelmente, a grande responsável por tamanha importância simbólica na imagem do luto feminino. Seus 64 anos de reinado foram marcados por sua conduta rígida enquanto governante e pela tragédia pessoal que enfrentou com a morte de seu

marido e primo, Albert. Entronada em 1837, Alexandrina Victoria conduziu a política inglesa numa época em que os interesses industriais e imperialistas da nação mais poderosa do mundo contrastavam com um território ainda prioritariamente rural. Mesmo com esses paroxismos, a monarca conseguiu manter a paz social e recuperar o prestígio da realeza, agindo no sentido oposto de seus predecessores ou de seus pares em outros territórios, que costumavam se distinguir por seus caprichos e suas loucuras, além de seu descaso pela coisa pública (MULHSTEIN, 1999).

Não foi à toa que seu nome designou o século da construção de um modelo burguês de comportamento. Em primeiro lugar, Vitória fazia parte do universo prioritariamente masculino do poder político e, por isso, precisava se impor: era autoritária, gostava de acompanhar de perto tudo o que acontecia em seu Parlamento, assim como de participar das decisões de seus ministros. Por conta de seu compromisso irrevogável com o labor, era tão querida pelo povo; jamais foi a aristocrata típica, mergulhada em luxos e preocupada exclusivamente com roupas e festas, ao contrário. Apreciava-lhe ser reconhecidamente mais próxima das classes médias do que da corte dispendiosa. É possível que o amor desmesurado de Vitória por seu marido fosse o mais robusto alicerce de seu carisma popular. Ao personificar o ideal da mulher oitocentista, assumidamente apaixonada e companheira irrestrita de seu parceiro, a rainha criava um vínculo de afinidade sem precedentes com seus súditos. A afirmação do casamento como o principal evento da vida, origem da família – o porto seguro da burguesia –, talvez seja sua maior contribuição social aos seus contemporâneos.

Em 1861, morre seu querido Albert, vítima da febre tifóide. Sua dor foi profunda e sem fim. Até a sua própria morte, em 1901, a rainha viveu e governou abalada pela angústia dessa perda e pela responsabilidade de ser mulher, chefe de Estado e modelo de reputação. Inconformada, para ela não existia no mundo dor comparável à sua. Viúva, Vitória adotou o luto pelo resto da vida. Por não ter se casado novamente, ter vivido reclusa e nunca ser vista publicamente se divertindo – sua imagem sempre rigidamente séria, em negro total, fiel ao marido até o fim –, a rainha transformou o luto em sinônimo de *virtude*: sinal expresso da esposa que não encontra mais alegria após a morte de seu companheiro. Vestiu o luto profundo por mais de três anos e o meio-luto por quarenta.

Seguindo seu exemplo, manter o traje da morte durante o máximo de tempo possível garantia reputação altamente respeitável a qualquer viúva. Era uma expressão de isolamento e resguardo. A rainha foi também responsável pela adoção do luto por parte da corte e influenciou as mulheres que passaram a exigir que seus empregados assim se vestissem na morte de seus senhores. Sua dor, despótica, se estendia ao espaço público – em detrimento de ser um sentimento privado. O corpo eternamente lutuoso da rainha era a representação de um *Estado em luto*.

Tornado, portanto, verdadeira obsessão pelas mulheres vitorianas, o vestuário de luto passou a ser vestuário de moda, seguindo todas as suas tendências e novidades. Era ostentado com orgulho por aquelas "verdadeiramente" virtuosas e honestas. Nas classes médias e baixas, apesar dos gastos, fazia-se o possível para vesti-lo pelo maior tempo. Roupas eram artigos caros, e o comércio do luto passou a ser bastante lucrativo, visto que as mulheres usavam-no cada vez mais e por tempo maior. Portanto, curiosamente, o luto era a maneira ideal de se mostrar a riqueza e a respeitabilidade de uma mulher.

Típica daquele período, essa idolatria aos mortos não foi, portanto, exclusividade da rainha Vitória. Além do uso prolongado e contundente do luto, o apego dramático a tudo que se relacionasse a um ente falecido levou a sociedade a práticas próprias de um *culto aos mortos*. Um exemplo bastante eloqüente desse fenômeno foi o início das práticas de visitação ao cadáver em seu túmulo. É do século XIX a popularização dos

cemitérios urbanos e laicos, antes construídos nos arredores dos terrenos das igrejas e transformados em locais de passeio. Cada lote passava a ser, então, *propriedade privada* de uma família, o *lar* de seus mortos. Tal como os restos mortais das pessoas, que efetivamente indicavam sua presença, a necrópole indicava a cidade dos mortos dentro da cidade dos vivos, todos coabitando o mesmo território. Túmulos personalizados, os pertences pessoais restantes e os registros fotográficos *post-mortem* também imortalizavam essas existências sem vida.

No decorrer do século XX, foi possível observar uma forte tendência contrária a esse apego à morte. A quase abolição em épocas atuais da obrigatoriedade das regras do vestuário de luto – possível de ser percebida em qualquer manual de etiqueta recente – acompanha todo um gradual e incisivo processo de afastamento dos assuntos relacionados ao fim da vida do cotidiano da sociedade. Os diversos rituais que, ao longo da história, acompanharam o óbito, tornando possível vivenciar o sofrimento em sua plenitude, superar a dor e assimilar tais eventos como necessários à vida, foram quase totalmente abandonados. A tristeza é socialmente indesejável e improdutiva, incompatível com a vigente ditadura da felicidade, que, ao negar a dor e a morte, reprime suas manifestações.

NOTAS

^[1] A prática justificava-se por uma superstição da época, na qual a alma do defunto poderia se deter diante de sua imagem refletida e não ascender.

^[2] As informações a respeito dos estágios do luto vitoriano foram elaboradas a partir das leituras de Phillipe Ariès (2003), Peter Gay (2002), Alison Lurie (1997) e Michelle Perrot (1991), além dos sites mencionados ao fim do artigo. Apesar de algumas diferenças entre esses textos, busquei mencionar os dados que não estivessem em contradição nas referidas fontes.

^[3] Ver em ROCHE, Daniel. A invenção da roupa-branca. In: _____. *Cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média 1815-1914*. Tradução: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Tradução: Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MUHLSTEIN, Anka. *Vitória: retrato da rainha como moça triste, esposa satisfeita, soberana triunfante, mãe castradora, viúva lastimosa, velha dama misantropa e avó da Europa*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PERROT, Michelle. (Org.). *História da vida privada*. Vol. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução: Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WEB REFERÊNCIAS

www.victoriana.com/library/harpers/funeral.html

www.deathonline.net/remembering/mourning/victorian.cfm

www.morbidoutlook.com/fashion/historical/2001_03_victorianmourn.html